

## PREÂMBULO

### CRISES PESSOAIS E SOCIAIS

Movendo-se por atitudes iníquas, prepotentes, a humanidade colhe, de há muito, frutos de dor, atrocidades e por maiores os reveses, inquietações, horrores, os corações resistem à conversão, à renovação. Alertas insistentes por parte de religiosos, pensadores, não encontram eco nas almas insubmissas. Grandes civilizações, por mais faustosas e orgulhosas, sucumbiram ao longo da história e com elas suas imensas cidades, legiões, exércitos, esquadras, templos, multidões, governantes. Riquezas, magnificências, misérias, pusilanimidades arrostadas por guerras, invasões, terremoto, epidemias, convulsões sociais.

Embasacamo-nos, iludimo-nos no mundo com títulos, comendas, diplomas de papel, pergaminhos, penduricalhos de ferro e bronze. Currículos recheados, togas, túnicas laureadas, tribunas onde exalamos nossos lauréis de cultura e poder, onde exsudamos, quantas vezes, nossa inferioridade moral, nossa miserabilidade espiritual. Na prática, ilusões, infantilidades, quando comparadas com nosso destino espiritual, nossa aspiração angelical. Ante a gloriosa realidade cósmica, nos aparvalhamos, reconhecendo que nosso orgulho, nossas presunções, nossas pavonices são, no mínimo, atestados de primarismo espiritual e moral. Exibimos uma face urbana quando no contato social, mas reagimos irados ante a primeira contrariedade, qualquer óbice cotidiano, qualquer restrição inibidora, fazendo-nos expor nossa natureza pregressa, rebarbativa.

Segundo o historiador Daniel Rops, “as crises que abalam as sociedades humanas começam sempre por serem crises espirituais; os acontecimentos políticos e as convulsões sociais não fazem mais do que traduzir nos fatos um desequilíbrio cuja causa é bem mais profunda “In: “A Igreja da Renascença e da Reforma” vol. I, Ed. Quadrante, 1996, p. 106) Conspurcamos o poder, político a prática religiosa, até mesmo a fé, toldando-as de cobiças, ambições desmedidas, primarismos, ideologismos, inferioridades instintivas”.

Glórias e infortúnios do passado são, todavia, convites a se reconstruir o futuro, a recompor a história. Nossas revivências, as circunstâncias temporais são processos de reeducação, recomposição espiritual ante a incipiência multissecular e sideral de nossa personalidade. Afirmo ainda o reconhecido pensador Daniel Rops: “A evolução das sociedades humanas não conhece cortes bruscos e do passado para o futuro as mudanças se fazem mais por transformação do que por mutação repentina, em que a própria corrente da história, assim parece, muda de direção” (op. cit. p.104).

Experiências pretéritas – envoltas por contradições, subleções, paixões, revoltas, angústias – a serem superadas e ajustadas pelo aprendizado da generosidade, honestidade, desprendimento, hospitalidade, humildade. O desenvolvimento da resiliência, paciência, estoicismo, entendendo-se que para a pedagogia divina, os problemas e vicissitudes são profícuas e redentoras lições. Afinal, nos são dadas plenas oportunidades de reavaliação comportamental e vivencial, pois eterno é o Senhor, eterna sua misericórdia, eterno é o espírito dotado de memória e massa cósmica.

### O “remédio”

Gerardo Cid de Castro Valério foi prefeito, vereador... Mas antes de qualquer um desses cargos era médico – embora peculiar. Com grande apelo público, costumava ser parado por estranhos na rua que lhe pediam remédios diversos. Outros, mais ousados, queriam favores – inclusive extravagantes. Certa vez, dizem, alguém pediu sem o menor pudor “um ‘gordo’ emprego na Prefeitura ou em qualquer cabide”. A resposta do Doutor Cid Valério foi escrita no tradicional bloco de receitas que carregava. Acontece, porém, que apenas UMA pessoa entendia aquela letra...

Pág. 2

### Os piores impostos

Uma taxa aqui, outra ali... Qual brasileiro não sente no bolso o peso dos impostos cobrados pra quase tudo no país? A História, porém, mostra que inclusive os abusos nesse sentido não são recentes – nem poucos. Acredite: houve um tempo em que ostentar uma barba era problema.

Pág. 4 e 5

### O pioneiro na Câmara

No ano de 1949, quando São Tiago foi emancipada, realizou-se a primeira eleição – e José Machado foi eleito como o 1º presidente da Câmara Municipal. Grande amante da paz, ele dizia entusiasmado: ‘nunca tive um inimigo!’. Pelas raras vezes que teve atritos com alguém, recebeu do vizinho um bilhete: ‘Cuidado, José Machado, nossa amizade está presa pelo beijo de uma pulga’. Ele leu o bilhete, pensou, escreveu no anverso e entregou ao mensageiro: ‘Não, você está enganado! Nossa amizade está presa pela tromba de um elefante’. Homem simples, pediu para não fazer para ele sepultura – mas que sua cova fosse de 14 palmos, ou seja, o dobro do normal.

Pág. 6



### Os biscoitos de São Tiago

“Por onde quer que você vá, é fácil sentir o cheirinho de uma fornada mineira por aqui, principalmente no interior. Poderíamos até arriscar a dizer que se Minas tem um cheiro, esse cheiro é de uma boa quitanda assando. Nesse vai e vem de cheiros e gostos, as quitandas famosas pelo interior do Estado são um charme à parte – é como se a Gastronomia mineira tivesse oferecendo um mimo em forma de comida a quem as experimenta”.

Pág. 12

# ADIVINHAS

- 1- Qual é o queijo que mais sente dor?
- 2- O que é o que é: tem cidades, lojas, ruas e nenhuma pessoa?
- 3- O que é o que é: uma planta que todas as pessoas têm na mão?
- 4- O que é o que é: a última coisa que você tira antes de ir para a cama?

Respostas: 1- O queijo ralado; 2- O mapa; 3- Palma; 4- Os pés do chão.

## Provérbios e Adágios

- Farinha pouca, meu pirão primeiro
- Onde todos mandam e ninguém obedece, tudo fenece.
- Deus dá a canga conforme o peçoço.
- Há males que vêm pro bem.
- Homem é como fósforo, sem cabeça não vale nada.
- Homem de juízo não diz o que faz, mas nada faz que não possa ser dito.



### Para refletir

- Aquele que recebe de mim uma ideia tem aumentada a sua instrução sem que eu tenha diminuída a minha. Como aquele que acende uma vela na minha recebe luz sem apagar a minha vela (*Thomas Jefferson 1743-1826 – 3º presidente dos Estados Unidos entre 1801 – 1809*)
- O inovador tem como inimigos todos os que se deram bem sob a lei antiga e defensores relutantes naqueles que podem se dar bem sob a nova lei (*Nicolau Maquiavel*).
- A maioria das falhas na vida das pessoas é que estas não entenderam o quão perto estavam do sucesso e desistiram (*Thomas Edison*)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: [credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br](mailto:credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br)

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO

APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Tel.: (32) 3376-1286

## AO PÉ DA FOGUEIRA

CID VALÉRIO

### REMÉDIO MÁGICO PARA PESSOAS IMPERTINENTES

Dr. Gerardo Cid de Castro Valério, conceituado médico de nossa região, era igualmente político, exercendo as elevadas funções de prefeito municipal de São João Del-Rei no período de 31-01-1983 a 31-12-1988. Foi também vereador e presidente da Câmara Municipal de São João Del-Rei entre 1949-1951 e 1953-1955.

Como é peculiar a tantos outros médicos, sua letra era irreconhecível, ilegível. Verdadeiros garranchos. Suas receitas, repassadas aos pacientes, eram simplesmente renegadas pelos farmacêuticos. Apenas um, dentre todos os donos de farmácias em toda a São João Del-Rei, conseguia decifrar habilmente aquelas garatujas ou hieróglifos. Era ele o sr. Mundico, proprietário da tradicional Farmácia Santa Terezinha nos "Quatro Cantos", proximidades da Ponte da Cadeia.

Como político de carreira, Dr. Cid era intensamente assediado, em todo lugar, a qualquer momento, por pessoas do povo e oportunistas que lhe pediam toda sorte de favores, típicos de nosso clientelismo eleitoral – ajuda para passagens, reforma de casa, compra de remédios, calçados, tudo quanto se possa imaginar. Havia ainda os que buscavam consultas em plena rua, outros tantos a pedirem empregos, outros insistentes e rabugentos – chatos de galocha – sempre a pleitearem algo, a bajularem e por aí afora. A todos, Dr. Cid atendia gentilmente e onde estivesse buscava uma solução ou orientação para os magotes de "pedintes" à sua frente, muitas vezes utilizando-se do próprio bloco de receitas.

Certo dia, uma dessas pessoas maçantes e insaciáveis acerca-se novamente de Dr. Cid, requisitando-lhe mais um favor – dessa vez, ao que parece, um "gordo" emprego na prefeitura ou em qualquer cabide, obviamente às custas do poder público (ou seja do espoliado contribuinte brasileiro). Dr. Cid, em meio a todo o alvoroço de gente, toma do bloco de receitas, rabisca algumas linhas, entregando-a ao interessado. Este leva o papel a diversas pessoas, inclusive na prefeitura e câmara, mas ninguém consegue traduzir uma linha sequer de seu conteúdo. Alguém lhe sugere: - leve ao Mundico que ele decifra.

Mundico, de posse do papel, dessa vez se engasga. Vira, revira a folha. Não consegue, por mais que tentasse decifrar o enunciado. Sem saber o que fazer, toma, afinal, uma decisão. Vai até a prateleira, seleciona um remédio, entregando-o ao interessado:

- Para pessoas como o senhor, Dr. Cid escreveu aqui que o remédio indicado é um só: um bom laxante!



Xaropes e vermífugos (purgativos) eram, no passado, o "santo remédio" contra todos os males respiratórios, digestivos e tantos outros incômodos mais. Receita contra asma, bronquite, tuberculose, influenza, rouquidão, depurativo. Curavam tudo, segundo a pernicioso propaganda de sempre<sup>(1)</sup>. Até remédios à base de heroína foram lançados no início do século XX pela empresa Bayer. De um modo geral, ardiam, cheiravam mal, tinham gosto ruim – eram, enfim, o pavor das crianças e de muitos adultos. Havia xaropes para todos os gostos e que marcariam, de forma indigesta, muitas gerações – à base de alcatrão, guaco, mel, tâmara, dentre eles e tantas marcas: emulsão de Scott, óleo de ricino, biotônico Fontoura, Asmazol, Bromil, Xavier, Grindelia, Phymatosan, Belamil, Famel, Vick, Vovó Isabel (em garrafas), Âmbar, Roche, Forcreal, etc. Alguns ainda comercializados até os dias atuais, com nova roupagem e publicidade.

### NOTAS

(1) Havia o xarope Castaniado, cuja propaganda pela TV aí pela década de 1970/1980 aparecia um caipira segurando um burro pelo cabresto anunciando as propriedades miraculosas do remédio – curava tosse, problemas de hemorroidas, varizes...

Sobre remédios e medicamentos antigos ver matéria em nosso boletim nº CVI - julho/2016

Realização:



Apoio:



## POEMAS BUDISTAS

### PROTEJA A VIDA

*Buda*

"Todos os seres vivos tremem diante da violência.

Todos temem a morte, todos amam a vida.

Projete você mesmo em todas as criaturas.

Então, a quem você poderá ferir? Que mal você poderá fazer?"

Não existe nada mais sagrado do que a vida. Proteger esse bem é proteger o mundo. Afinal, quem ama e defende a vida jamais fará mal a nada nem a ninguém.



### NÃO ACREDITE

*Buda*

"Não acredite em algo simplesmente porque ouviu.

Não acredite em algo simplesmente porque todos falam a respeito.

Não acredite em algo simplesmente porque está escrito em seus livros religiosos.

Não acredite em algo só porque seus professores e mestres dizem que é verdade.

Não acredite em tradições só porque foram passadas de geração em geração.

Mas, depois de muita análise e observação, se você vê que algo concorda com a razão e que conduz ao bem e benefício de todos, aceite-o e viva-o."

Não se pode acreditar em tudo sem questionar. Mesmo as maiores tradições exigem sua reflexão. Determinada coisa faz mesmo sentido para sua vida? Você realmente acredita nela? Questione-se!

Comece a questionar mais e absorva reflexões profundas

### SEJA GRATO

*Buda*

"Levantemo-nos para o dia e sejamos gratos.

Porque se nós não aprendemos muito, pelo menos aprendemos um pouco, e se não aprendemos um pouco, pelo menos nós não ficamos doentes, e se ficamos doentes, pelo menos não morremos. Então, sejamos todos gratos."

Faça da gratidão o mantra da sua vida. Mesmo nos dias difíceis, seja grato pela oportunidade de aprender com cada obstáculo. Seja grato pelo simples fato de estar vivo!



### DEIXE ACONTECER

*Buda*

"Nascemos para morrer, conhecemos pessoas para as deixar ganharmos coisas para as perder."

Leve sua vida com mais leveza, perdemos o controle de tudo desde o dia em que nascemos. Permita-se aprender com isso, deixe as coisas acontecerem como têm que acontecer.

Entenda a importância de abrir mão do controle com estas mensagens

### O PRESENTE

*Buda*

"Todo sofrimento psicológico é fictício, porque ou está armazenado na memória do passado, ou na imaginação do futuro, porque ambos são apenas ilusórios... O passado já passou e o futuro ainda não chegou. O único momento real é o presente, e nele reside a eternidade."

A única coisa que você pode controlar é o agora. O passado já passou, e o futuro não pode ser controlado, portanto viva hoje como se isso fosse tudo que você tivesse. Afinal, é mesmo.



### SUA PAZ

*Buda*

"Não permita que os outros tirem a sua paz.

A paz vem de dentro de você mesmo.

Não procure à sua volta."

A paz é um sentimento que vem de dentro, não importa onde nos encontremos. Encontre sua paz interior e nunca mais dependa de outras pessoas.

### OLHE PARA SI

*Buda*

"Viva na alegria, no amor, mesmo entre os que odeiam.

Viva na alegria, na saúde, mesmo entre os angustiados.

Viva na alegria, na paz, mesmo entre os atormentados.

Olhe para dentro de você, fique calmo.

Livre-se do medo e do apego, conheça a doce alegria do caminho."

Quem tem controle sobre você, tem tudo. Invista no autoconhecimento e escolha uma vida mais serena e feliz, comece a olhar para dentro de si!



### A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO

*Buda*

"Liberte-se do apego

Para compartilhar a felicidade

Buscar a felicidade nos sentidos

O sábio domina

Palavra, corpo e mente

Nós somos o que pensamos

Tudo o que somos surge com

nossos pensamentos

Com nossos pensamentos fazemos

o nosso mundo."

Nossos pensamentos são nosso mundo particular, para onde vamos quando o dia termina. Por isso, seja o tipo de pessoa que vibra positividade, faça do seu mundo um lugar melhor.

Conheça estas reflexões budistas e inspire-se

### FATOS DA VIDA

*Buda*

"Jamais permita que os impasses da vida o perturbem.

Afinal, ninguém pode escapar dos problemas, nem mesmo santos ou sábios.

Sofra o que tiver que sofrer. Desfrute o que existe para ser desfrutado.

Considere tanto o sofrimento como a alegria como fatos da vida."

A vida é uma experiência incontrolável. Não podemos controlar como as coisas acontecem, mas podemos controlar como nos sentimos diante delas. Escolha ser mais leve.



### SEU REFÚGIO

*Buda*

"Cada um de vocês deve fazer de si mesmo uma ilha, deve fazer de si mesmo o seu próprio refúgio; não há outro refúgio. Faça da verdade a sua ilha, faça da verdade o seu refúgio; não há outro refúgio."

Faça de você o seu próprio refúgio. Sua única garantia na vida é sua companhia, por que não passar a cuidar melhor de você mesmo? Construa seu próprio lar dentro de si.

# ARRECADAR DE QUALQUER FORMA E ATENAZAR O CIDADÃO: OS IMPOSTOS MAIS ABSURDOS

*“Só há duas coisas garantidas na vida: a morte e impostos”  
(Benjamin Franklin)*

A ideia de um Estado ou governantes cobrar impostos, sempre com a desculpa pífia, cínica de oferecer serviços públicos aos seus súditos, surgiu no Egito há cerca de 5.000 anos, passando a ser adotada por todo tipo de civilização ao redor do mundo. São taxações diretas ou indiretas geralmente sobre bens e serviços, a exemplo do imposto de renda criado pelos ingleses em 1800 para financiar a guerra contra Napoleão, tidas como contribuições obrigatórias, passíveis de duras punições legais. A cobrança de impostos levou, por vezes, povos à sublevação, como o exemplo da tarifa sobre o chá, motivando os colonos nos Estados Unidos a se rebelarem em armas contra a Coroa Britânica, disputa que conduziria à independência do país.

Muitos casos de taxações, ao longo da história, soam-nos como ridículas, a exemplo da cobrança feita pelos faraós do Egito sobre o consumo de óleo de cozinha, de resina e produtos usados nos rituais de mumificação (que tinham que ser comprados diretamente do faraó, o detentor do monopólio dos produtos). No século 1º, Vespasiano, imperador de Roma, taxou a urina, cujo componente a amônia era utilizada/vendida para usos industriais, à época. Segundo historiadores, daí surgiria então o ditado latino “pecunia non olet” (dinheiro não tem cheiro) e os romanos passaram a denominar, desde então, os mictórios e latrinas públicas de “vespasiáni” em homenagem ao monarca. Como a história é magistral – ainda hoje, a imagem do outrora poderoso imperador ficou associada, para sempre, a mictório...

Henrique VIII criaria, por sua vez, um imposto para todos os homens que usavam barbas e que foi mantido por sua filha Isabel 1ª. O czar russo Pedro, o Grande, implementou o mesmo imposto entre seus súditos, no sentido de força-los a adotar hábitos e estilo similares aos europeus ocidentais. A Inglaterra, em 1696, taxaria, ainda, as janelas (quanto maior o número de janelas, mais impostos o dono do imóvel tinha que pagar), forçando os cidadãos a construir casas com menos janelas ou fechar as existentes com tijolos, gerando graves problemas de saúde pela falta de ventilação (agravamento de doenças respiratórias e proliferação de enfermidades). O absurdo imposto seria extinto somente em 1851. Oliver Cromwell, um pérfido puritano inglês que assumiu o poder, no século XVII, sob a denominação de “Lord Protetor”, criou um imposto a ser pago unicamente por seus adversários monarquistas, com o objetivo de policiar, perseguir e reprimir os próprios contribuintes monarquistas...

Recentemente, países da União Europeia, como a Dinamarca, criaram o imposto sobre a “flatulência das vacas”, sob o argumento de que o gado expele metano, um dos principais causadores do aquecimento global. No citado país nórdico, cada fazendeiro deve pagar cerca de US\$ 110 em tarifas por animal/ano.

A legislação tributária brasileira, por sua vez, é um verdadeiro cipocal de complexidades, arbitrariedades e comichões, desde os tempos coloniais, dando ênfase, via de regra, à renda, ao consumo e circulação de bens, produtos e serviços. As autoridades, sempre criativas, espoliativas, criam impostos de toda ordem e a todo momento. Há dezenas e dezenas de tributos, desde o conhecido e extorsivo ICMS ao obscuro AFRMM (Adicional de frete para renovação da marinha mercante). Haja inventividade, ociosidade, quando não perversidade!



No passado, iremos encontrar impostos os mais pitorescos, senão tragicômicos, como o denominado “Imposição sobre as bestas que vem do Sul”, criado pelo Príncipe Regente e Rei D. João VI em julho de 1810, que determinou ao governador da Capitania de São Paulo “que no registro de Sorocaba se receba 320 réis por cada besta muar que passar vinda do Sul”

O Imposto de Renda surgiria, no Brasil, em 1922 (Lei 317) com a alíquota máxima de 8% (hoje são 27,5%, ou seja praticamente 1/3 de que você ganha, o Estado surrupia na fonte e ainda cobra sobre “excedentes” arbitrados pela Receita Federal, que nunca reajusta os índices da inflação anual, elevando para até 40% o confisco de toda a renda bruta anual do cidadão). Fácil, não?!

Alguns primores relacionados à Receita Federal - O decreto n. 21.554 de 20/06/1932 só permitia ao marido declarar os filhos como dependentes, ou seja deduzir os encargos de família relativo aos filhos, prerrogativa negada à cônjuge, ainda que fosse chefe de família ou fizesse declaração de rendimentos em separado! Pela Constituição Federal de 1934, escritor, jornalista e professor eram isentos de impostos. Dizia o artigo 113: “Nenhum imposto gravará diretamente a profissão de escritor, jornalista ou professor”. Uma forma de Getúlio Vargas agradar e cooptar intelectuais da época. Vargas agraciou ainda os jornalistas e outros profissionais com o pagamento de meia passagem aérea. Todo mundo tinha, então, carteira de jornalista, expedida, de forma corrupta, pelo sindicato da categoria. Segundo o jornalista Alberto Dines em suas “Memórias”, “Nos anos 1950, quem trabalhava em redação (de jornais) não tinha carro, casa, nem nada, mas para viajar havia essa facilidade. Virou um negócio espúrio. O Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro era uma agência de viagens, uma corrupção tremenda”. Tal benefício bastardo e abestalhado levaria enorme prejuízo às companhias aéreas e obviamente ao Estado arrecadador e somente seria cancelado em 1964. Em suma: os governantes quando não arrancam diretamente dos cidadãos, fazem ainda medidas com o chapéu alheio...

A Lei n. 154 de 25/11/1947 concedia generosos descontos a quem entregasse antecipadamente a sua declaração, ou seja antes do prazo final de entrega, o que vigorou até 1975. Sob o argumento de “promover a família”, a ditadura getulista criou em 1940, o chamado “Imposto dos solteiros” que vigoraria, pasmem-nos todos!, até 1964. Os solteiros, acima de 25 anos, pagavam um adicional de 15% de Imposto de Renda e os casados sem filhos eram “premiados” com mais 10% de acréscimos. Obviamente, nenhuma preocupação com a família, com desníveis demográficos, apenas subterfúgios para arrecadar mais e azucrinar o contribuinte!

# Deliberações esdrúxulas ou pitorescas

- O governo de São Paulo, em 1600, determinou a “isenção até o fim do mundo” de todas as taxas e tributações do Mosteiro de São Bento. Assim, os frades beneditinos não pagariam impostos sobre seus terrenos até o final dos tempos.

- Entre 1630 e 1738, vigorou na Bahia a “Colaboração em pratos de farinha” recolhida à proporção de um prato (de farinha) por família. O objetivo era para o consumo próprio das tropas que lutavam contra os holandeses em solo baiano. Expulsos em 1663, a “colaboração” somente foi extinta em 1738!

- Em 1984, a prefeitura de Rio Claro (SP) proibiu o consumo de melancia no município, sob a alegação de que a fruta podia transmitir doenças como tifo e febre amarela. Ainda em Rio Claro, em 1965, foi proibida a existência de formigueiros em casa. A polícia passou a visitar as residências e acaso encontrados formigueiros, havia a multa de 2,5% sobre o valor do salário mínimo da época.



- Em Pouso Alegre (MG), em 1997, entrou em vigor a lei que proibia erros de gramática em banners, faixas e propagandas em geral. Multas de cem reais por erro e no caso de outdoors a dose era quintuplicada (500 reais)

- Em 2007, o prefeito de Aparecida (SP), José Luiz Rodrigues, criou lei que proibia as mulheres de usarem minissaia, sob pena de pesada multa. A decisão indignou as mulheres, que passaram a usar e se exibir ostensivamente em público, levando a ridículo a autoridade local.



- Em 1961, o presidente Jânio Quadros assinou o decreto n. 51.009, proibindo a prática da hipnose em todo o território nacional. O citado presidente também baixaria outras absurdas leis, como a proibição de biquínis, de corrida de cavalos e outras bizarrices mais...

- A prefeitura de São Luis (MA), em 2009, proibiu o uso de máscaras carnavalescas, sob o argumento de que muitos marginais procurados pela justiça, escondiam-se sob os disfarces momescos.



Segundo Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, o objetivo de todo imposto é transferir o poder de compra do indivíduo para o Estado (aumento de arrecadação e redução de consumo ou moeda em circulação pela população). Ensina Stiglitz que a incidência do ônus tributário depende de fatores ou curvas como a organização dos mercados (grau de concorrência), de resposta da demanda e da oferta, o aumento de preços (sensibilidade dos produtores e consumidores frente a alterações em preços).

A teoria econômica mostra que há limites para o aumento de preços, consoante o ambiente mercadológico institucional. Assim, quando da lei inglesa que passou a tributar os proprietários pelo número de janelas de suas residências, estes simplesmente reduziram as janelas ou as fecharam com tijolos. Consumidores brasileiros de cigarros optam pela aquisição de produtos ilegais, geralmente contrabandeados. Para arrecadar mais, o governo majorou em até 140% as alíquotas de IPI sobre cigarros, de forma que 80% do preço de um maço de cigarros é simplesmente imposto. O resultado é que, além do consumo não diminuir, 70% dos cigarros hoje consumidos é de procedência ilegal, com prejuízos de cerca de 6,5 bilhões em impostos sonegados ao Estado. Ou seja, a expansão tributária provoca danos irreparáveis (efeitos parafiscais negativos, segundo Stiglitz): não houve/não há redução do consumo, desviado para o cigarro contrabandeado, a perda bilionária de arrecadação, além de gastos vultosos realizados pela polícia e fisco contra os contrabandistas, atravessadores, sonegadores... Fora os custos com a saúde, previdência advindos do extravagante e tétrico hábito de fumar!

Economistas utilizam-se da chamada “Curva de Laffer” para explicar tais descompassos. A capacidade tributária do cidadão e a arrecadação do governo com o pagamento de impostos não são diretamente proporcionais. Toda carga tributária tem efeito altamente destrutivo, dado o caráter (efeito) parafiscal. A exação sacrifica de modo derradeiro os capitais de investimentos e a poupança social em favor das contingências prementes, imediatistas do Erário, que se agravam mais e mais a curto a médio prazos. Quanto mais tributação, menos recursos em poder da sociedade, carregados compulsoriamente para as elites insaciáveis, a corrupção, o mau uso do dinheiro público! E assim, menos investimentos, menos empregos, menor arrecadação... Um ciclo tortuoso que não se fecha, mas nossos governantes jamais aprendem a lição!

A prática de elevar a carga tributária é a forma confusa, simplista e simplória, constante por parte do Estado, porquanto sem a devida análise de seus efeitos e o impacto econômico-social advindos. Reduzir os custos da pachorrenta e paquidérmica máquina estatal – geralmente perdulária, ineficiente, burocrática, despótica – nem pensar. Os detentores do poder regem-se apenas por calendários eleitorais e os vícios seculares da gestão pública, sempre a serviço de grupos privilegiados, sempre a desserviço do País!

# JOSÉ MACHADO DA SILVEIRA

## 1880 1955

### UM MODELO DE TRABALHO, CIDADANIA E HONRADEZ

José Machado da Silveira nasceu em Carmo da Mata no dia 16 de setembro de 1880, filho do fazendeiro Belarmino Machado da Silveira e Francisca Angélica Silveira Alves. Tinha 16 irmãos, sendo um deles Sebastião (pai do Moisés Silveira) e ainda Divino, Benvindo, Laudelino, Leandro, Olímpio, Izabel, Antonio, Chiquita, Galdino, Chico Sobrinho (pai do sr. Assis), Geraldo (residente nos Melos), Nhonhô, Olinda, Benvinda e Avelino.

que nelas trabalhavam como empregados ou, em maior quantidade, como meeiros – com isso, José Machado alcançou grande prestígio.

No ano de 1949, quando nossa cidade foi emancipada, realizou-se a 1ª eleição e José Machado foi eleito como o 1º presidente da Câmara Municipal de São Tiago. José Machado era um grande amante da paz. Dizia entusiasmado: nunca tive um inimigo! Pelas raras vezes que teve atritos com alguém, recebeu do vizinho um bilhete que dizia: - Cuidado, José Machado, nossa amizade está presa pelo beijo de uma pulga. Ele leu o bilhete, pensou, escreveu no anverso e entregou ao mensageiro: Não, você está enganado, nossa amizade está presa pela tromba de um elefante. Homem simples, pediu para não fazer para ele sepultura, mas sua cova fosse de 14 palmos ou seja o dobro do normal.

Depois de uma vida de trabalho, prosperidade econômica, exemplo de honestidade e cidadania, José Machado faleceu no dia 7 de agosto de 1955, sendo sepultado em Mercês de Água Limpa.

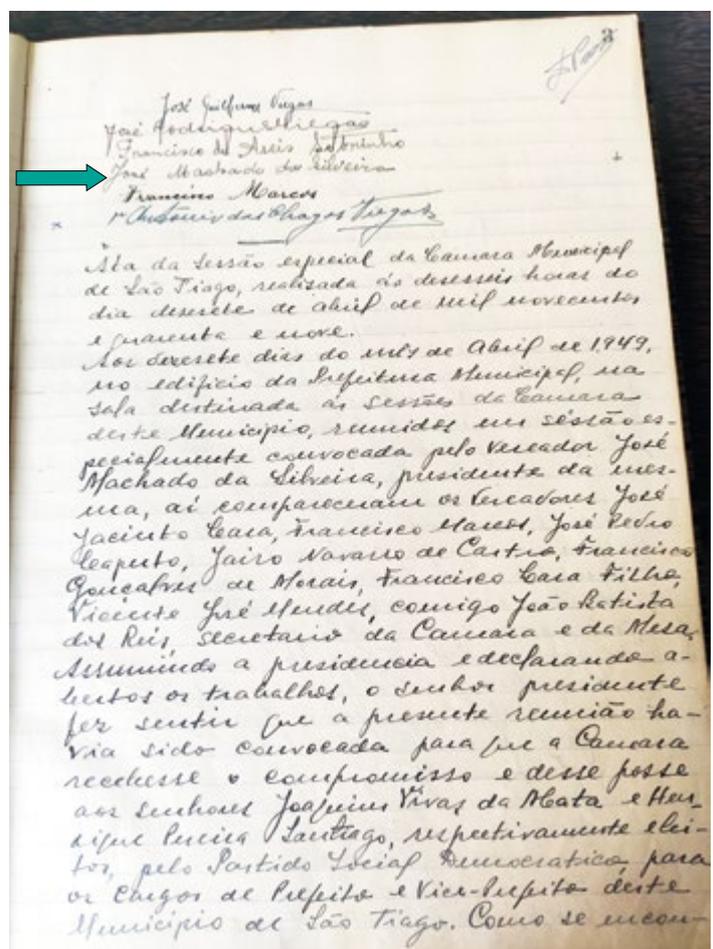


Fazenda Pinheiros, 15 de novembro de 2004.  
Márcio Resende Silveira

No começo do século passado, ele casou-se com uma prima, Manuelina Silveira, irmã do Tonico Machado, com a qual teve 5 filhos: Piquita, Nonô Machado, Genita, Lafaiete e Mário Machado e três filhas de criação: Fiinha, Maria e Marieta. Logo que se casou, comprou e passou a residir na Fazenda da Florinda, onde iniciou a fabricação de polvilho e pouco tempo depois a criação e engorda de porcos. Com a morte de seu sogro e tio Olímpio Silveira em 1935, herdou a fazenda do Sapecado e parte da fazenda do Banco; em 1937 comprou a fazenda da Lage e logo outra às margens do rio Tabuões no município de Bom Sucesso, chegando suas terras a 450 alqueires.

Suas fábricas de polvilho aumentaram para três com a construção de uma no Sapecado e outra na Lage. Segundo relatos, José Machado era o maior produtor do município e sabendo-se que São Tiago era um dos maiores produtores de polvilho do Estado, talvez fosse ele individualmente, um dos maiores fabricantes de polvilho de Minas Gerais nas décadas de 1930 e 1940.

Eram famosos os seus carros de bois que, constantemente, faziam o percurso da fazenda Florinda até a estação de João Pinheiro, levando polvilho e capados, para serem embarcados para os grandes centros urbanos da época e, na volta, seus carreiros traziam lenha das margens do rio das Mortes até Capelinha para as pessoas pobres. Suas terras eram habitadas por um grande número de famílias,



# SAINT EXUPÉRY

“Era um vendedor de pílulas aperfeiçoadas que aplacavam a sede. Toma-se uma por semana e não é mais preciso beber.

- Por que vendes isso? perguntou o príncipezinho

- É uma grande economia de tempo, disse o vendedor. Os peritos calcularam. A gente ganha cinquenta e três minutos por semana.

- E o que se faz, então, com os cinquenta e três minutos?

- O que a gente quiser...

“Eu, pensou o príncipezinho, se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando passo a passo, mãos no bolso, na direção de uma fonte...”

(A raposa explica ao Príncipe que os ritos podem transformar a monotonia da vida em ocasião de curiosidade, de afetividade)

“Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas, se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste. Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...”

(Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe, Rio de Janeiro, Ed. Agir, 2015)





O IODETO DE PRATA vai logo depois para um liquificador.

NOS TAMBORES é por fim misturado o iodeto de prata e o cloreto de sódio, com outras coisas.

## DR. JANOT PACHECO: UM CIENTISTA PERSEGUIDO PELO GETULISMO E SUA PASSAGEM EM FUGA POR NOSSA REGIÃO DÉCADA DE 1930

O Dr. João Victor Janot Pacheco foi um dos mais conhecidos engenheiros e cientistas mineiros do século XX, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, ocupando, ademais, altos cargos na administração pública do Estado, dentre eles o de Diretor da Rede Mineira de Viação nas primeiras décadas do século XX<sup>(1)</sup>. Trabalhou anteriormente como engenheiro geógrafo na empresa Noroeste do Brasil no Mato Grosso, e ainda em vários estados do País na região Central do Brasil – São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Minas Gerais. Com o golpe político-militar de 1930 e a tomada do poder por Getúlio Vargas, Janot – que era legalista e se opusera, de forma contundente, ao golpe – passou a ser perseguido ferozmente pela polícia política getulista e por agentes do Estado de Minas, à época do governador Olegário Maciel entre 1930 e 1933, e que era seu inimigo político declarado. O cientista se ocultaria por algum tempo em nosso meio, daqui se evadindo, exilando-se na Europa por tempos.

Era um homem de compleição física avantajada, sempre bem vestido, de terno e gravata, cabelos vastos e, com os anos, inteiramente alva, acrescido de uma pronunciada surdez. Professor universitário e ainda em renomados educandários da capital mineira, dentre eles o tradicional Santo Agostinho, nas áreas de física, química e matemática. Concorreu às eleições para deputado à Assembleia Constituinte Mineira em 1935, não obtendo sucesso (Fonte: Biblioteca Digital TSE – boletim eleitoral n. 39 – 25/03/1935).

**O Doutor Chuva** - Célebre por suas experiências no sentido de provocar chuvas artificiais, cognominado popularmente como “o homem da chuva”, ou ainda “doutor chuva” com o emprego de processos químicos (gelo seco e dióxido de carbono solidificado), experimentos que empregou com certo sucesso no Nordeste, especialmente no Ceará e Paraíba<sup>(2)</sup>. A imprensa passou a chamá-lo ainda de “senhor do raio e do trovão” (Jornal da Semana, Rio de Janeiro, nº 0023, ano 1953, p. 7). Uma matéria do jornal “A Noite”, ed. 14508, ano 1953, p. 7 cita uma paráfrase arrojada de Dr. Janot: “Mais fácil fazer o tempo do que prevê-lo”, esclarecendo que o cientista não era um taumaturgo nem um visionário. Dr. Janot realizaria ainda várias experiências atmosféricas em Belo Horizonte, conforme amplos noticiários da época.

Em 01-09-1955, o Dep. José Alves, entusiástico das experiências de Dr. Janot, apresentou o projeto de lei n. 608 à Câmara dos Deputados, criando o Departamento de Chuvas Artificiais, subordinado ao Ministério da Agricultura. Sua justificativa: “No Brasil, já se há realizado chuvas artificiais com êxito comprovado. Dir-se-ia que não se trata de nenhuma novidade, de vez que os Estados Unidos já vem realizando chuvas provocadas por mais de cinco anos. Todavia os cientistas americanos só alcançam êxito na realização dessas chuvas quando a atmosfera se acha carregada de cúmulos, momento em que aplicam o sistema de bombardeio das nuvens com gelo seco à altura de mais de mil metros. O Brasil, nesse sentido, já avançou mais. O engenheiro patricio Dr. João Janot Pacheco, sem nenhum auxílio do governo, enfrentando descrenças de toda ordem, já vem realizando essas chuvas com nuvens fabricadas por ele mesmo, o que equivale a dizer que o nosso patricio faz realizar chuvas à hora que entende realizá-las. Nos Estados Unidos, há apenas precipitação dessas chuvas. Aqui no Brasil, há na realidade, a sua fabricação artificial, graças aos esforços desse abnegado e incompreendido engenheiro brasileiro”

Encontram-se, contudo, esparsas informações sobre Dr. Janot Pacheco na imprensa ou literatura de nosso meio. “O prédio atual (estação da Rede Mineira de Viação em Oliveira), construído em 1930, foi iniciado pelo engenheiro Dr. Janot Pacheco (...) A magnífica residência do engenheiro local é também construção do Dr. Janot Pacheco” (Luiz Gonzaga da Fonseca – “História de Oliveira” p. 187).

Em opulenta matéria estampada no jornal “A Noite” ed. 01283, de 29-09-1953, Dr. Janot Pacheco, que também era poeta, confidenciou ao repórter José Guilherme Viegas: “fiz outro soneto dedicado a São João Del-Rei, onde vivi os dias mais felizes de minha vida, como engenheiro da Estrada de Ferro Oeste de Minas” (soneto, segundo o Dr. Janot, escrito em 1951)<sup>(3)</sup>. As experiências de Dr. Janot, por vezes malsucedidas, foram tema de famosa marcha carnavalesca “Ai, ai Janot” no carnaval de 1953<sup>(4)</sup>.

“Ninguém desconhece no chamado Polígono da Seca a contribuição que o engenheiro Janot Pacheco realizou no passado para solucionar

no Estado do Ceará o problema da seca que sempre assolou aquele Estado, usando o bombardeio de nuvens e provocando a chamada “chuva artificial”. Foi, por muito tempo, a grande arma do governo no Estado do Ceará. E, com isso, o agricultor lucrava bastante pelas medidas que eram tomadas em favor da agricultura sempre ameaçada pela seca” (João Lyra Neto – “Tribuna do Nordeste” ed. 14-09-2016).

“**Chuva artificial** – O assunto seca é por demais debatido e amenizado pelas autoridades no Ceará desde o tempo do Império e no mundo, principalmente no Egito, onde ressaltam-se os canais de irrigação do rei Sesóstris. Lembro-me do tempo de adolescente no governo do Dr. Raul Barbosa. O cônsul do Panamá, Dr. Francisco de Castro, trouxe a Fortaleza o ilustre engenheiro Dr. Janot Pacheco, professor da Universidade do Rio de Janeiro, para apresentar soluções sobre o problema da seca. Ao Dr. Plácido de Castro, então secretário de Agricultura e Obras Públicas, coube a tarefa de receber o visitante, bem como apresentá-lo aos técnicos do Estado. Para isso, acercou-se do que havia de melhor (...) Os técnicos do Laboratório de Biologia ouviam atentamente o palestrante, mas pelo que eu soube, o Dr. Janot Pacheco sugerira a construção de barragens (...) Mas lembrou que nos idos de 1914 a 1918, quando era estudante, presenciou um duelo de artilharia entre franceses e alemães e logo desabou um temporal” (José Anselmo F. de Castello – “Diário do Nordeste” ed. 13-04-2013).

“O Dr. Janot Pacheco, engenheiro (...) teve seu nome reconhecido e consagrado nacionalmente principalmente em Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, alcunhado carinhosamente pela imprensa brasileira como “o fazedor de chuvas” Seu processo era diferente das chuvas artificiais amplamente divulgadas e elogiadas na ocasião. Seu método, segundo ele, começou a surgir quando em exílio na Suíça, por ter resistido à Revolução de 30, contra a qual debatera-se em armas. Certa noite, fora acordado pelos ribombos e as explosões de foguetes, utilizados na dispersão de geadas e nevoeiros naquele país. Curioso, empenhara-se no aperfeiçoamento e na adaptação dos processos às condições climáticas brasileiras. Não utilizava foguetes, somente a combinação correta para a queima, em terra, dos produtos químicos neles contidos” (Inamar Gusmão Botelho – “Secas, oligarquias e os fazedores de chuva” CEEC/UNEB, pp. 22/23).

“O engenheiro Janot Pacheco, auxiliado pelo médico João Ramos Pereira da Costa e pelos agrônomos Abner Gurgel Gondim e Mauro Botelho do Laboratório de Biologia do Estado, realiza experiências no sentido de provocar chuva artificial mediante disseminação de gelo seco em nuvens cumulus-nimbus. Graças a esse artifício, choveu durante 25 minutos numa área compreendida entre o município de Maranguape...” (http://portal.ceara.pro.br/index.php?searchword=maranguape&search, acesso aos 07-04-2020).

A Revista Mineira de Engenharia n.4, agosto 1938, p. 35 traz o teor de

uma conferência de Dr. Janot Pacheco proferida à época na Associação Comercial de Minas Gerais sobre siderurgia e mineração em nosso País (fonte: www.teses.usp.br>teses>publico>2012.DanielHenriqueDinizBarbosa.pdf).

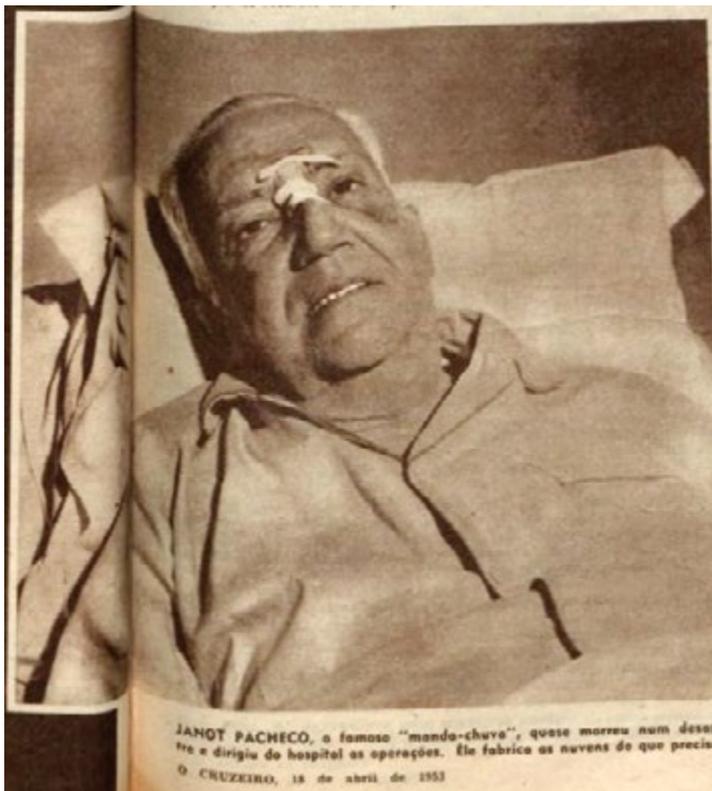
Família ilustre, com excepcionais serviços prestados à sociedade e ao País, cujos descendentes, empresários e profissionais liberais em notável número, nos mais diversos ramos, honram a cultura e a memória do culto patriarca (Dr. Janot Pacheco). Uma ligeira leitura de jornais ou consulta à internet, e eis relacionados vários de seus dinâmicos membros ou nela inseridos, a exemplo de:

- Dr. Gabriel de Andrade Janot Pacheco (filho, nascido em Oliveira em 1914 e já falecido – engenheiro e alto executivo da Usiminas e da Companhia Vale do Rio Doce)
- Eduardo Janot Pacheco, astrônomo e astrofísico da USP. Cientista de renome internacional
- Claudia de Alencar S. Janot Pacheco, médica biofísica, pesquisadora da UFRJ
- Marina Janot Pacheco de Castro, médica pela Faculdade de Barbacena
- Eduardo Janot Pacheco Lopes, médico ortopedista e especialista em artes - BH
- Rodrigo Janot Monteiro de Barros, ex. procurador geral da República
- Junia Janot Pacheco, especialista em gestão pública – FJP/BH
- Gabriel Márcio Janot Pacheco, advogado, empresário e executivo Usiminas
- Lillian Janot Pacheco, teatróloga
- Renato Janot Pacheco, médico, diretor da rede Flag Saúde
- Guilherme Diniz Janot Pacheco, empresário (comércio exterior)
- Alexandre J. Janot Pacheco, engenheiro industrial
- Isabella Janot Pacheco Carneiro, funcionária pública (IEF)
- Victor Janot Pacheco Filho, empresário e executivo da Bioneem Tecnologia, Ind. E Comércio

O Dr. Janot Pacheco faleceu aos 24-08-1965, aos 79 anos, na capital mineira, vítima de arteriosclerose cerebral. Uma existência dura, incansável, inabalável. Homem de férrea resistência física, mental e intelectual, inigualável disposição; septuagenário, era visto ainda trabalhando em seus experimentos, viajando, dando entrevistas à imprensa, proferindo palestras, elaborando projetos, por vezes madrugada adentro, senão o raio do dia. Uma atividade espantosa que surpreendia a todos!

Incompreendido, ironizado, rejeitado, não se deixava abater. Dizia “Deixa esse povo falar! Eles querem é conversa fiada. Uns burocratas procurando polêmica. Sou homem de ação, não vou perder meu tempo com eles. Quero é chuva, muita chuva!” Para realizar suas experiências, chegou a investir todas as suas economias e até mesmo a vender o próprio carro...

FOTO: REVISTA CRUZEIRO - WWW.OINGAENSE.COM.BR



JANOT PACHECO, o famoso “mando-chuva”, quase morreu num desastre e dirigiu do hospital as operações. Ele fabrica as nuvens de que precisa.  
O CRUZEIRO, 18 de abril de 1953



DE BORDO DE UM AVIÃO DA F. A. B., Gabriel Pacheco, seguindo instruções do pai, bombardeio nuvens com iodeto de prata, um dos diversos métodos usados pelo Dr. Janot.

**NOTAS**

(01) O Diário Oficial da União de 07-08-1918, seção I, pág. 1, publica pedido de licença por 8 meses feita pelo Dr. João Victor Janot Pacheco, engenheiro residente da Estrada de Ferro Oeste de Minas “para tratar dos seus interesses”, tendo sido concedidos 30 dias pela Chefia com a observação “Quanto ao excedente, dirija-se ao sr. Ministro da Viação”. A licença integral solicitada seria concedida “sem vencimentos”

(02) Sua chegada e de sua equipe a uma localidade, nos mais diversos rincões do País, escolhida para seus experimentos, provocava um alvoroço geral. Caminhões descarregando máquinas e toda uma complicada engrenagem – forjas, balões, bujões, tubos de ensaio e de ar comprimido, bussolas, refrigeradores elétricos, hidrômetros – que eram instalados, aproveitando-se um terreno baldio ou um campo de futebol, e que à medida que eram conectados, formavam um estranho e insólito laboratório ao ar livre. Uma grande fogueira era preparada e acesa, à qual Dr. Janot ia adicionando e manipulando produtos solubilizados – iodeto de prata, acetona, sais diversos – levados ao espaço pela fumaça, de forma a provocar a congelação do vapor d’água existente no ar, transformando-se em nuvem.

Em outras experiências, Dr. Janot utilizava-se de aviões “teco-teco” a fim de bombardear as nuvens com seus produtos químicos.

(03) Soneto “São João Del-Rei”

*São João del-Rei, terra linda e encantada,  
Embalada ao canto triste do Lenheiro  
No regaço da montanha reclinada,  
Como sabes receber o forasteiro!*

*Repicam sinos. Igrejas seculares  
Tocadas pelas mãos do Aleijadinho  
Relicários, alfaias, lindos altares  
Suave brisa a soprar tãõ de mansinho*

*Gente simples, bons mineiros da montanha  
Eu venho lhes revelar uma verdade  
Embora lhes pareça coisa estranha:*

*O Redentor que elevaste lá na serra  
Imagina que nasceu nesta cidade  
E abençoa o povo todo desta terra.*

(04) Eliseth Cardoso gravou em 12-11-1953 uma marcha carnavalesca de grande sucesso “Ai, ai Janot”, autoria de Pedro Alves, Gerson Filho e Antonio Filho, cuja letra ironizava o Dr. Janot Pacheco, que falhara em sua tentativa de fazer chover no Rio de Janeiro, numa época em que a cidade – e então capital do País – enfrentava uma interminável falta de água.

Marcha carnavalesca “Ai, ai Janot” (1953)

Ai, ai Janot, a sua intenção falhou  
Você prometeu chover, não choveu  
Que calor, que calor, que calor  
(Bis)

Desta sua intenção ninguém pode duvidar  
Talvez mais tarde venha a melhorar  
Só sei dizer que escureceu  
Mas não choveu, não choveu, não choveu  
(Bis)

(Fonte: Sérgio Cabral – “Eliseth Cardoso, uma vida” Ed. Lazuli)

## UM PERSEGUIDO POLITICO E FUGITIVO DO GETULISMO - A SAGA DE DR. JANOT PACHECO EM NOSSO MEIO

A memória local ainda registra fatos da Revolução de 1930, incluindo a presença e passagem, entre nós, de perseguidos políticos, dentre eles o Dr. João Victor Janot Pacheco (1886-1965), engenheiro e cientista, personalidade conhecida e reconhecida por todos, que ocupara importantes cargos na administração pública, incluindo a de diretor geral da Companhia de Estrada Rede Mineira de Viação. Homem culto, com formação técnico-científica no exterior, tinha fortes laços sociais e familiares com a nossa região, porquanto era casado com a sra. Stela Andrade, filha do Cel. Gabriel Augusto de Andrade (1861-1949), proprietário do Conglomerado AgroIndustrial Fazenda Campo Grande em Passa Tempo.

Com a deflagração da “Revolução de 1930” (golpe politico-militar que derrubou o governo legítimo de Washington Luis, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e levou o caudilho Getúlio Vargas ao poder, sob a farsa de “Aliança Liberal”)<sup>(1)</sup> o Dr. Janot Pacheco, dada a sua inquebrantável tẽmpera legalista, a ele se opôs firmemente. Com o acirramento dos ânimos entre o governo central (Getúlio) e o Estado de São Paulo, que reivindicava a restauração da plenitude democrática, levando ao levante constitucionalista paulista em 1932, Janot apoiou incondicionalmente os paulistas, tornando-se alvo direto da politica getulista, e passando a ser caçado implacável e diuturnamente.

Temendo pela integridade de Dr. Janot, o Cel. Gabriel de Andrade, seu sogro, fez um apelo ao Major Marcos de Oliveira Braga (1874-1951), proprietário da Fazenda Casa Nova, município de Resende Costa, divisas com São Tiago, para ai acolher o ilustre perseguido politico. O que se deu sob total sigilo. Dr. Janot permaneceria es-



condido naquela propriedade, tendo o Major Marcos providenciado uma acomodação privativa (sótãõ), com o máximo conforto possível, para melhor abrigar e resguardar seu protegido, longe da vista em especial de estranhos, pois a fazenda era passagem de tropas e viajantes. Um domingo, estando o sr. José Augusto dos Reis, genro do Major Marcos, na farmácia do dr. Henrique Pereira em São Tiago, eis que ali adentraram estranhos (agentes da policia getulista) exibindo fotos do dr. Janot e outros perseguidos políticos, e informando-se junto aos presentes se o conheciam ou o viram pois eles (agentes)

tinham sólidas evidências de que o foragido estava homiziado na região. Esclareceram, ademais, que o governo estava pagando vultosa importância a quem desse informações seguras sobre o paradeiro de Dr. Janot, sendo cartazes, nesse sentido, espalhados por todo o interior do Estado. De imediato, o sr. José Augusto retornou à fazenda, alertando o Major Marcos sobre o fato. Este providenciou, de imediato e de comum acordo com o hóspede, o deslocamento do mesmo para a estação de Coqueiros, onde segundo Dr. Janot, ele tinha contatos com outros membros da oposição<sup>(2)</sup>

Para conduzir Dr. Janot, o Major Marcos convocou seu funcionário de confiança, José da Cruz. Viajaram à noite, Dr. Janot vestido como boiadeiro, roupa de couro, um largo chapéu à cabeça, de forma a dissimular sua aparência (à época, ele deixou crescer uma vasta barba) e dificultar seu eventual reconhecimento. Chegaram ao amanhecer à fazenda do sr. José Ferreira de Resende (Zeca Ferreira) no Capão das Flores para uma parada de descanso tendo José da Cruz feito entrega ao sr. Zeca de um bilhete do Major Marcos. Preparavam-se os viajantes para tomar um café da manhã, quando D<sup>a</sup> Maria de Lourdes Reis, nora do sr. Zeca, e irmã do sr. José Augusto, reconheceu o sr. José da Cruz, que, nessa hora, dava água e trato aos animais em viagem, perguntando-lhe se tinha notícias do irmão José Augusto. José da Cruz, de imediato, chamou Dr. Janot, dizendo-lhe: - “Temos que partir de imediato, pois uma senhora aqui me reconheceu...” Assim o fizeram. E corretamente.

Cerca de uma hora após a saída incontinente, precipitada dos viajantes, eis que chega à fazenda o sr. CM, conhecido e excêntrico fazendeiro da região, acompanhado de alguns cabras, armados de paus e ferramentas agrícolas, que passaram a interpelar o sr. Zeca; afirmaram que estavam à procura do Dr. Janot – sobre quem o governo estava pagando uma grande recompensa - e que tinham informações de sua presença, em trânsito, pelas proximidades e, dessa forma, certamente passara pela fazenda (Capão das Flores). Um dos cabras dissera ter cruzado com uns cavaleiros estranhos à noite na altura da Cruz das Almas e Lavrinha. O sr. Zeca reagiu de forma contundente aos recém-chegados, reprimando-os e dizendo-lhes que ali não passara ninguém e que fossem cuidar de suas vidas honestamente, sendo indigno alguém cristão delatar o próximo, ainda mais por razões políticas e pior ainda financeiras. A essa altura, os fugitivos, celeremente, já se aproximavam do destino, tendo atravessado o Rio das Mortes.

Divergem as opiniões quanto ao desfecho da fuga, que, ao final, fora bem sucedida. Alguns afirmam que Dr. Janot tomara um trem noturno na Estação de Coqueiros, em direção ao sul (sua intenção era chegar ao Estado de São Paulo, onde era forte a resistência ao governo getulista). Outras versões informam que Dr. Janot descera de barca do Rio das Mortes até certo ponto, dali deslocando-se para o sul<sup>(3)</sup>

Sobre o Dr. Janot Pacheco, ver matéria em nossos boletins n. XXI, junho/2009 e n. XXII, julho/2009. Sobre a Revolução de 1930 ver matéria no n. LXXXIV, setembro/2014. Sobre o Conglomerado Campo Grande em Passa Tempo ver matéria em nosso boletim CXXIII - dez/2017.



## NOTAS

(1) O programa da chamada “Aliança Liberal” preconizava a defesa das liberdades individuais, a descentralização da economia (então monopolizada pela cultura do café), o voto secreto e participação democrática popular, valorização do judiciário, reforma trabalhista, anistia e reconciliação nacional, plenitude dos direitos sociais – na verdade, uma grande farsa! O País, em pouco tempo, cairia sob a funesta ditadura do Estado Novo!

(2) Muita violência e perseguições foram cometidas em nosso meio por partidários e asseclas do getulismo. Hilda Fernal Cascão em seu livro de memórias “Waldemar Fernal, meu pai” (Rio de Janeiro, SEL Editora, 1997, pp. 29/31) informa que seu pai era jornalista, proprietário da gráfica e jornal “O Conservador” em Oliveira. Viria ele a ser um dos muitos perseguidos, da forma mais infame, sendo seu jornal e todos os equipamentos destruídos, a casa da família violada e até o Chevrolet de propriedade de seu pai arretado pela polícia. Segundo a autora, no dia 24-10-1930 “arruaceiros e politiquieiros, moleques bate-paus que de carabina na mão, lenço vermelho atado no pescoço, saíssem em caravanas policiais à procura de antirrevolucionários, conservadores, os legalistas contrários à dita Aliança Liberal. Janot Pacheco, amigo e correligionário nosso (éramos a favor da legalidade pró-Washington Luis) era procurado dia e noite”

Segundo ainda a autora, o jornalista Waldemar Fernal conseguiria safar-se à sanha persecutória, confinando-se numa clínica médica na capital mineira, de forma anônima (interando-se com nome falso).

O jornal carioca “A Batalha” ano III, n. 416, de 16-05-1931 noticiava o empastelamento do jornal “O Conservador” de Oliveira e a demissão, “a bem do serviço público” do Dr. Janot Pacheco do cargo de diretor da Estrada de Ferro Oeste de Minas (Fonte: memória. bn.br/pdf/175102/per175102\_1931\_00418p-df, acesso em 13-04-2020)

Os líderes e membros ativos da Aliança Liberal em Oliveira eram da família Pinheiro Chagas, dentre eles o dr. Paulo Pinheiro Chagas, proprietário do jornal “Gazeta de Minas” e seus tios Carlos e Djalma Pinheiro Chagas.

(3) O caro primo e economista Dr. Nilson Reis alertou-nos para essa variante ou versão que lhe foi repassada por seu pai, sr. José Augusto dos Reis. Dr. Janot teria descido o Rio das Mortes, provavelmente como opção de rota de fuga, sabendo que seus perseguidores vasculhavam a região, dia e noite, à sua procura, inclusive estações ferroviárias. Esclareça-se que Dr. Janot conhecia muito bem a região, pois atuara, anos a fio, na Estrada de Ferro Oeste de Minas sendo, ademais, pessoa de muitos relacionamentos sociais e amizades.

A Estação Ferroviária de Coqueiros, inaugurada em 1917, acha-se localizada no povoado do mesmo nome no município de Nazareno (km 172,06 da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas – Linha Paraopeba) A referida Estação foi tombada pelo Município de Nazareno no ano de 2007, através do Decreto n. 1383/2007, tendo o Município restaurado o imóvel em 2011. Nossos efusivos cumprimentos à Municipalidade de Nazareno pela nobre iniciativa.

## Gosto de Minas: Biscoitos de São Tiago

Quitandas mineiras: aqui você vai conhecer os segredos da “torradinha” e da “rosquinha de farinha de trigo”.

Por onde quer que você vá, é fácil sentir o cheirinho de uma quitanda mineira por aqui, principalmente no interior. Poderíamos até arriscar a dizer que se Minas tem um cheiro,

esse cheiro é de uma boa quitanda assando. Nesse vai e vem de cheiros e gostos mineiros, as quitandas, famosas pelo interior do estado, são um charme à parte, é como se a gastronomia mineira tivesse oferecendo um mimo em forma de comida a quem as experimenta.

### Delícia Histórica

Palavra de origem africana (do dialeto quimbundo) e que significa ‘tabuleiro’, as quitandas são famosas por terem suas receitas passadas de geração em geração e, seu modo de fazer, ser uma arte que toma forma pelas mãos das mestras quitandeiras.

Os historiadores acreditam que as quitandas representem a junção culinária entre as escravas e sinhás. A característica mais marcante das quitandas é que elas são feitas para acompanhar o cafezinho.

### Minas e as Terras das Quitandas

Práticas e muito saborosas, as quitandas são a cara daqui. Em Minas temos diversas cidades que são referências na produção de quitandas, uma delas é São Tiago, que fica a 200 km da capital mineira, e que faz aniversário 25 de julho!

São Tiago é conhecida como a Terra do Café com Biscoito, e se orgulha muito deste título. As mesas sempre fartas de quitandas de todos os tipos, indicam isso e a receptividade da cidade também. Vale colocar na lista de viagens por Minas, que já tá enorme, mas a gente sabe que é igual coração de mãe.

É de lá que vem as nossas receitas do dia, diretamente da cozinha da Dona Dadinha, uma quitandeira que adora reunir a família para saborear as delícias que faz. A Maria Ilza, filha da Dona Dadinha foi quem nos ajudou a trazer essas maravilhas pra vocês. Ela é escritora e resolveu contar histórias utilizando os biscoitos da cidade como personagens principais de suas poesias. Uma delícia que vale a pena ler e degustar!

Deu vontade, né? Anota aí, e faz como a Dona Dadinha, junta o pessoal de casa para comemorar o aniversário dessa cidade com uma de suas riquezas e aproveitar o café quentinho com quitanda!



MARIA ILZA E DOIS DE SEUS LIVROS  
Foto: Talita Ribeiro

### TORRADINHA

#### Ingredientes:

1 kg de polvilho Azedo  
Mais ou menos 140 ml de banha derretida  
140 ml de leite  
4 ovos  
3 colheres de sopa de água  
1 colher de sopa (de sal)  
Uma poeira de farinha de trigo (espalhe por cima) antes de escalda



Foto: Talita Ribeiro

#### Modo de Fazer:

Ferver o leite com a banha juntos e esquentar o polvilho. Sovar um pouco, até a massa esfriar.

Acrescente os ovos, vá misturando à massa e coloque o leite (morno) até o ponto de espremer.

*Observação:* Não colocar leite gelado, pois atrapalha o escaldo.

### ROSQUINHA DE FARINHA DE TRIGO

#### Ingredientes:

1 kg de farinha sem fermento  
300 g de açúcar  
1 colher de manteiga (talhada) de vaca  
1 colher de banha (talhada) de porco  
3 ovos  
100 g de nata de leite  
2 colheres de pó Royal  
Um pouco de coalhada  
Uma pitada de sal



ROSQUINHA DE FARINHA DE TRIGO  
Foto: Talita Ribeiro

#### Modo de Fazer:

Bater os ovos juntamente com o açúcar.

Acrescentar a manteiga de vaca, a banha de porco e a nata derretidas.

Adicionar a coalhada e o pó royal e engrossar com a farinha.

Assar em forno quente. Quando crescer, abaixe a temperatura.

Amassar sempre esticando a massa para cima.

#### Sobre a Quitandeira



Dona Dadinha  
(Maria do Carmo Almeida)

Nascida em Queiroz, zona rural da cidade, Dona Dadinha mora em São Tiago, terra do “Café com Biscoito”. Experiente em quitandas desde muito nova, ainda hoje, saboreia as mesmas, com a sua família. Mãe de 7 (sete) filhos e já bisavó, tem muito prazer em preservar a tradição do biscoito e gosta de fazer tudo sobre as medidas. Uma mesa posta com quitandas em sua casa, é a sua alegria.

### SOBRE O AUTOR

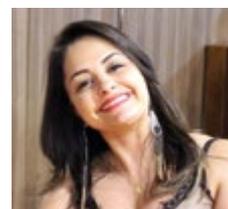
#### Luís Carneiro

Mineiro dos pés à cabeça. Marketólogo. Turismólogo em formação, que ama ver, ouvir e escrever sobre as belezuras desse Brasil.



#### Paula Carvalho

Formada em Administração, Auditoria, Gestão Pública e Turismo. Ama viajar e descobrir novos lugares. Coordenadora do Núcleo de Turismo Criativo na SECULT-MG.



## PROFESSOR TIAGO ADÃO LARA

Cida Campos<sup>15</sup>  
 cidacamposf6@gmail.com

Professor Tiago Adão Lara, a lembrança que fica meu querido e inesquecível professor de Filosofia e Teologia. Eu não poderia deixar de prestar-lhe esta justa e merecida homenagem.

Tiago foi um grande pensador, refletia de forma muito especial sobre a presença de Deus. Ele era fonte da criatividade da força intelectual. No campo da filosofia e teologia legou-nos textos de grande importância. Tiago lia muito. Era o seu alicerce de conhecimento, de largos horizontes, de abertura para o mundo e para os outros. Manteve-se jovem, de personalidade arejada, de espírito saudável. Tiago muito trabalhou e, por isso progrediu e se realizou.

Era um grande adorador. Seu ofício de filósofo o conduziu às reflexões sobre Deus, intrinsecamente comprometidas com a existência humana. Foi para ele a grande estrada.

Tiago acreditou na amizade e na força fraternal que nos ajuda a seguir avante. Ajudou os amigos e alegrava-se com eles. Enquanto não encontramos o porto seguro de um amigo verdadeiro, nosso barco singra triste, desarvorado, perdido no oceano da vida...

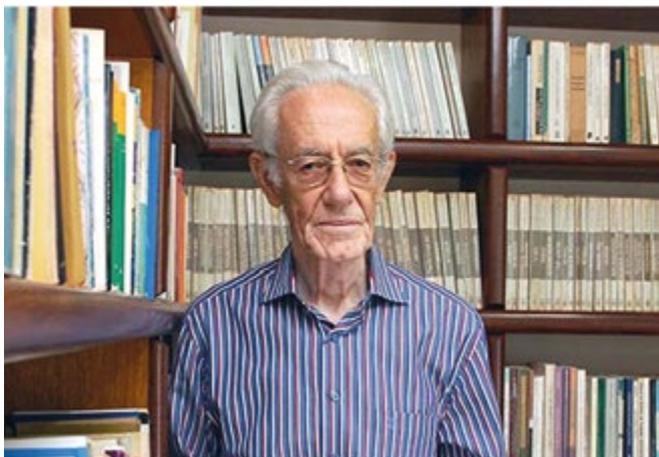
O amor é um dos grandes sacramentos da vida. Tiago sempre esparziu amor. Sempre sorriu e cantou a Vida. A canção amacia as cargas da angústia e perfuma a paisagem da terra.

Tiago achava tempo para sonhar dentro do seu ardor filosófico, pois é o caminho mais poético e ensolarado para deixar a planície e atingir as estrelas. Todas as suas inúmeras tarefas eram planejadas. Assim economizava energias, rendendo mais no trabalho. É o segredo para fugir da estafa e preservar o coração, sempre tão judiado, tão exigido e jogado aos percalços do cotidiano.

Descer ao fundo de si mesmo sem medo da Verdade implica coragem. Harmonizar o cérebro e o coração nos caminhos da Vida é

uma arte que exige longo aprendizado, sendo necessários tenacidade, paciência, esforço e muito amor. Tiago Lara, na orquestra de sua existência, cérebro e coração tocaram uma partitura delicada, sempre com muita prudência e perfeita afinação.

Assim viveu nosso querido amigo Tiago Lara. Que São Miguel, que é o Anjo receptivo, já o tenha recebido e apresentado ao nosso amado Pai.<sup>16</sup>



<sup>15</sup> Professora licenciada em Letras pela faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (hoje UFSJ).

<sup>16</sup> Tiago Adão Lara nasceu em São Tiago no dia 24 de maio de 1930 e faleceu em Juiz de Fora no dia 26 de setembro de 2019.

Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei – vol. XIV - 2020

## AVISO DA HUMANIDADE

11- Temos pasteis de carne  
De queijo e batata

12 – Temos carne de sol  
Pra comer lá na lua

13 – Temos cerveja gelada  
Somente a sol

14 – Temos cerveja quente  
Somente a bela quentinha

15 – Casa de pescados  
Cuidado com o Peixe-Elétrico

16 – Vendemos cachorro quente  
Somente para cachorras

17 – O goleiro mais esperto é  
Aquele que como frango

18 – Vendemos galinha caipira  
Mas só o galo que conta

19 – Pronto ... só – corro!  
Para perto de mulheres bonitas

**Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago  
Tiago do Bêco**

# FAMÍLIA MAZZINI EM NOSSA REGIÃO

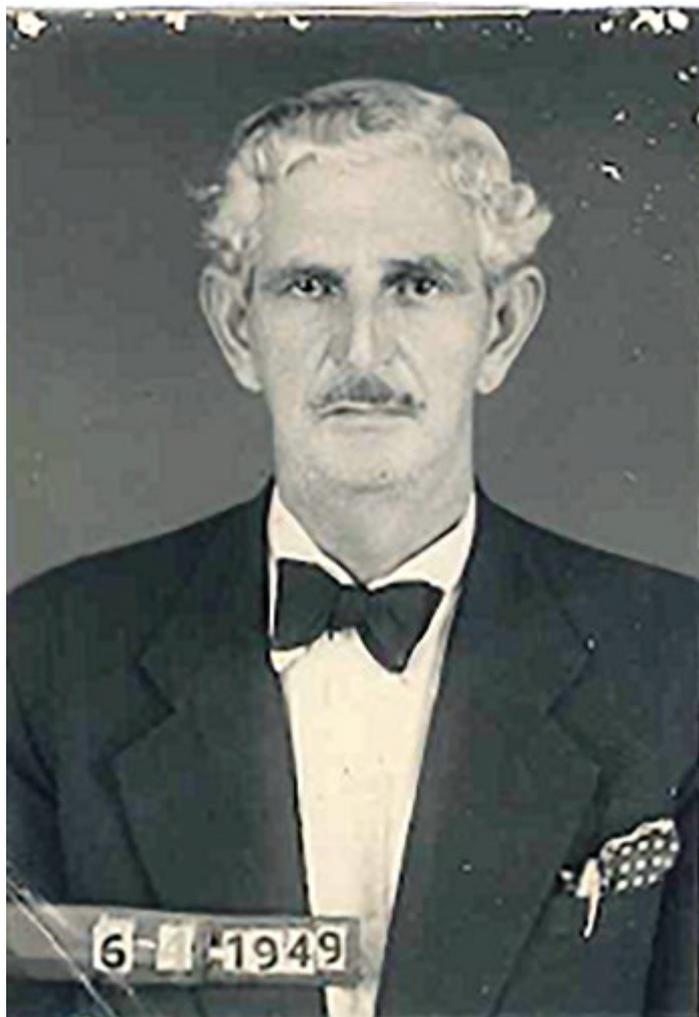
## Conceição da Barra de Minas/ São Tiago

# Uma história de vida

Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil em 1870, devido ao grande estímulo do governo, principalmente em 1850, quando o tráfico de escravos foi abolido no Brasil e os europeus substituíram a mão de obra escrava.

Entre esses italianos veio Roberto Mazzini da Calábria, sul da Itália, casado com Malvina Resende Mazzini que ficou em Juiz de Fora, tiveram vários filhos, entre eles Pedro Resende Mazzini que residiu em Conceição da Barra de Minas. Seu segundo casamento foi com Perpétua Maria do Socorro residente em Conceição da barra de Minas e tiveram quatro filhos entre eles Carmem Mazzini de Andrade.

Pedro Resende Mazzini era pintor, marceneiro e restaurava imagens sacras. Um grande artista na época, porém teve uma vida humilde com sua família. Tinha uma oficina montada em casa, fazia aqueles borrados de verniz nas fazendas com perfeição, inclusive na nossa São José que depois da reforma em 2011 acabou. Temos vários moveis na fazenda feitos por ele. Quando morria alguém fazia o caixão e trabalhava a noite toda com luz de lamparina com ajuda da minha avó. Pensa numa pessoa brava, italiana de fato, xingava o defunto de todos os nomes. Minha avó não dava um pio, por medo e respeito, tudo junto e misturado. Ela o chamava de Sr. Pedrinho, parecia o tratamento das esposas da época.



José Mazzini, filho de Roberto Resende Mazzini e irmão de Pedro Resende Mazzini

Um fato ocorrido com meu avô naquela época: já se vendiam bilhete de loteria, ele comprou um, colou na porta da oficina e foi premiado. Tirou a porta da oficina, pegou o trem que passava em Congo Fino (estação) para São João del-Rei para receber o prêmio



Carmem Mazzini de Andrade com Roberto Antônio Mazzini (color). De pé Rosária Mazzini e Pedro Resende com Juliete Mazzini (color). Todos são filhos de Pedro Resende Mazzini e Perpétua Maria do Socorro (2º casamento)

Conceição da Barra de Minas, 18 de novembro de 2021  
Eu Isabel Cristina de Andrade Santos autorizo  
o Sr. José Lúcio publicarem o texto e fotos relatando  
a história de vida da família Mazzini vindo por  
o Brasil.  
Isabel Santos

Eles que não pagassem, a briga estava feita.

Carmem Mazzini de Andrade nasceu em 20 de outubro de 1930 em Conceição da Barra de Minas, na época Vila Cassiterita, distrito de São João del-Rei. Casou-se em 22 de abril de 1949 com Antônio Carlos de Andrade indo morar na fazenda São José (Prata), Município de São Tiago, MG.

Tiveram 11 filhos e viveu a vida toda na fazenda. Em 1960 uma breve morada em São Tiago para os filhos estudarem, porém não se adaptou. A avó que era viúva e a tia ficaram uma temporada em São Tiago também, mas não quiseram ficar e voltaram para seu cantinho em Conceição da Barra de Minas. Todos os meus irmãos já na idade escolar vieram para cá estudar, naquela época era muito difícil.

Em 2014 minha mãe passou a morar em Conceição da Barra de Minas por problemas de saúde, pois era fácil e mais perto de São

João del-Rei, mas por ela não sairia da fazenda. Não perde um Globo Rural, sabe da cotação do café, arroba de boi e litro de leite. Fala ainda em voltar para a fazenda e cozinhar no fogão a lenha porque o gás está caro.

Ela é correntista do Sicoob em Mercês de Água Limpa desde que era produtora de leite e alguns de seus filhos também e eu aqui em Conceição da Barra de Minas onde moro.

Sicoob é uma empresa que vi crescer. Conheço toda a turma, Sr. João Pinto, Paulo Melo e outros. Aqui nosso atendimento é ótimo desde um aposentado a uma pessoa com mais poder aquisitivo. Isso que valorizo numa instituição.

*Autora: Isabel Cristina de Andrade Santos*



Foto em família



Carmelo com sua neta Cláudia



Sobrinhos de Pedro Resende Mazzini. Residentes em Juiz de Fora



Carmélio Mazzini com sua esposa Holanda Mazzini. Serviu o exército em São João del-Rei. Participou a 2ª Guerra Mundial. Seu nome consta no memorial dos pracinhas na cidade de Conceição da Barra de Minas e São João del-Rei



## FILHOS DE ANTÔNIO CARLOS DE ANDRADE E CARMEM MAZZINI DE ANDRADE

- Carlos Antonio de Andrade (falecido)
- José Leonardo de Andrade (falecido)
- Anézia Salomé de Andrade
- Maria Lúcia de Andrade
- Isabel Cristina de Andrade Santos
- Rosa Maria de Andrade Santiago
- Pedro Luis de Andrade
- Carmem de Andrade (falecida)
- Francisco Eustáquio de Andrade Macedo (falecido)
- Giovanni Custodio de Andrade

# Festas de Janeiro

São Tiago sempre foi uma cidade festiva, tanto em festas populares como religiosas. O mês de Janeiro muito esperado não só pela continuidade das férias escolares, como pela Festa de Ano Novo, Dia de Reis e São Sebastião.

Alguns anos atrás, a festa da virada era mais familiar, com belas ceias e encontros de família. Aconteciam os bailes e bares abertos com muitas pessoas na rua, poucos foguetes, missa festiva e pessoal de “roupa nova”.

O dia de Reis era muito esperado, folias aconteciam do Natal ao dia 06 de Janeiro pelas ruas da cidade. Essa festa é chamada de “Reisado”, “Festa dos Santos Reis”, “Folia de Reis”, “Companhia de Reis”. É uma manifestação católica, cultural, festiva e folclórica. Segundo a tradição, a festa teve origem na Europa, vindo para o Brasil no período da colonização, instituída em 06 de Janeiro de 1598. É celebrada em diversas regiões brasileiras, referendando aos três reis Magos: Gaspar, Melchior (Belchior) e Baltazar, quando foram guiados pela estrela, até Belém, levando presentes ao Menino como ouro, incenso e mirra.

Lembro-me de duas, em São Tiago, não sei os nomes de seus dirigentes, mas eram grupos animados formados por cantores, músicos, dançarinos que saíam pelas ruas, de porta em porta, anunciando a chegada do Messias. A folia era constituída por grupos organizados motivados por propósitos, sociais, religiosos e filantrópicos.

O grupo se reunia, fazia suas orações, seus ritos de costumes, pegavam a bandeira e saíam visitando todas as casas abertas de rua em rua. A bandeira sempre com imagem de São Sebastião, Menino Jesus e com muitas fitas coloridas.

A folia era conduzida pelo capitão da folia que entregava ao dono da casa. Este permanecia com a bandeira o tempo todo, enquanto o grupo fazia louvações, cantavam, dançavam e angariavam donativos. O dono da casa beijava a bandeira, e a levava aos participantes para que todos a beijassem também. Nas fitas em volta de seu coro, normalmente, dependurava-se algum dinheiro.

A cantoria era muito alegre, ouvia-se de longe, as crianças, acompanhavam do princípio ao fim. Os instrumentos eram simples, às vezes, feito até artesanalmente, tambores, reco-reco, flauta, viola caipira e sanfona.

Além da bandeira, outro destaque eram os palhaços mascarados, estes representando os “guardas de Herodes” na perseguição do Menino, fazendo uma ligação entre o Sagrado e o Profano.

Depois da peregrinação pelas ruas, as folias se encontravam



perto da Matriz. Eram abençoadas e partiam cada qual para um lado. Lembro-me de uma pessoa que nunca faltava, estava todos os anos presente com sua indumentária, Sr. Lazico do Chicão. E neste encontro cheio de cor, música, magia eles deixavam esta energia positiva com promessa para o novo encontro no próximo ano.

A Festa de São Sebastião é uma festa de cunho religioso e ele é o protetor contra a fome, as pestes, epidemias e guerras. Foi um monitor cristão, nascido na Narbona na França, em 256 d.C e viveu na Itália. É muito devotado principalmente pelas comunidades rurais.

Comemora-se dia 20 de Janeiro, geralmente com missas, procissões e fartos leilões. Os fazendeiros sempre doam animais. Mon-senhor Eloi indicava os festeiros para as visitas às fazendas e conseguiam: sacos de fubá, polvilho, balaio com queijos, doces, galinhas, muitos porcos, bezerros e até cabritos. Na minha família, já tinha tradição de reservar um bezerro para doar para São Sebastião.

São Sebastião por ser o protetor dos rebanhos, das lavouras sua devoção é muito grande no meio rural. Em São Tiago existe a capela no Bairro Cruzeiro e nos povoados Tatu e Fundo da Mata dedicadas ao Santo. Na sede do município acontece o novenário todos os anos no mês de janeiro, a quermesse, leilões, a procissão em honra a São Sebastião. Festa alegre, animada e de grande participação da comunidade.

**Maria Helena Caputo**  
Professora/Psicóloga



# Resgatando Brincadeiras Antigas

Antigamente as crianças não tinham tantos brinquedos como as de hoje e, por isso, tinham que usar mais a criatividade para criá-los.

Usavam tocos de madeira, pedrinhas, legumes e palitos para fazer animais, além de brincadeiras como amarelinha, cinco Marias, bolinha de gude, cantigas de roda, passa anel, roda pião, empinar pipa, dentre várias outras e, assim, se divertiram por décadas e décadas.

Com os avanços da modernidade, a tecnologia trouxe brinquedos que não exigem a criatividade das crianças, pois elas já encontram

tudo pronto.

Uma boa sugestão para comemorar o dia das crianças é a família fazer um levantamento das brincadeiras do tempo de seus pais e de seus avós, aproveitando para se distraírem com seus filhos, ensinando-os outras formas de diversão e as possibilidades de se criar jogos e brincadeiras. O mais importante disso? Ensiná-los que para brincar não precisamos gastar.

Assim, apresentamos aqui algumas sugestões de jogos e brincadeiras antigas.

- **Cinco Marias:** essa brincadeira constitui em, primeiramente, procurar cinco pedrinhas que tenham tamanho aproximado ou confeccionar saquinhos e recheá-los com arroz ou areia. Primeira rodada: jogue todas as pedrinhas no chão e tire uma delas (normalmente se tira a pedrinha que está mais próxima de outra). Depois, com a mesma mão, jogue-a para o alto e pegue uma das que ficaram no chão. Faça a mesma coisa até pegar todas as pedrinhas. Segunda rodada: jogue as cinco pedrinhas no chão, depois tire uma e jogue-a para o alto, porém, desta vez, pegue duas pedrinhas de uma vez, mais a que foi jogada para o alto. Repita. Terceira rodada: cinco pedrinhas no chão, tira-se uma e joga-se para o alto pegando desta vez três pedrinhas e depois a que foi jogada. Última rodada: joga-se a pedrinha para o alto e pega-se todas as que ficaram no chão.

- **Roda:** em roda, cantem canções antigas e façam os gestos e representações delas. Lembramos de algumas músicas como atirei o pau no gato, ciranda-cirandinha, a linda rosa juvenil, a galinha do vizinho, a canoa virou, eu entrei na roda, cachorrinho está latindo, o meu chapéu tem três pontas, pai Francisco, pirulito que bate bate, samba lelê, se esta rua fosse minha, serra serra serrador, etc.

- **Escravos de Jó:** dois participantes cantam a música "escravos de jó, jogavam caxangá, tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue, zigue zá". Cada um com uma pedrinha na mão vai trocando-as e fazendo o que diz a música.

- **Amarelinha:** risca-se a amarelinha no chão, de 1 a 10, fazendo no último número um arco para representar o céu. Pula-se com um pé só, dentro de cada quadrado.

- **Pião:** um pião de madeira enrolado num barbante. Puxa-se a ponta do barbante e este sai rodopiando. A grande diversão é observar o pião rodando.

- **Passar anel:** os participantes ficam com as mãos juntas e um deles com um anel escondido. A pessoa que está com o anel vai passando suas mãos dentro das mãos dos outros participantes até escolher um deles e deixar o anel cair em suas mãos, sem que os outros percebam. Depois escolhe uma pessoa e pergunta-se "fulano, com quem está o anel?" e a pessoa escolhida deve acertar.

- **Pula corda:** duas pessoas batem a corda e outra pula. Durante a execução da brincadeira os batedores vão cantando "um dia um homem bateu na minha porta e disse assim: senhora, senhora, põe a mão no chão; senhora, senhora, pule de um pé só; senhora, senhora, dê uma rodadinha e vá pro meio da rua". Ao final, o pulador deve sair da corda sem errar.



- **Bolinha de gude:** essa brincadeira tem várias formas de se jogar, como box, triângulo, barca e jogo do papão, onde os participantes devem percorrer determinados caminhos, batendo uma bolinha na outra e, ao final, acertar as caçapas.

- **Empinando pipa:** escolha um local adequado e amplo, onde não tenha fios de energia elétrica. A pipa vai subindo com o vento e os participantes ficam observando-a ao longe. Algumas pessoas usam cerol, uma mistura de cola com caco de vidro, para cortar os fios das outras pipas. Porém, a brincadeira dessa forma torna-se perigosa, podendo causar acidentes graves. Assim, use-a apenas para se divertir evitando usar o cerol, mesmo que alguém lhe dê o preparado.

- **Batata quente:** os participantes sentam-se em círculo e uma pessoa fica de fora. Vão passando uma bola, bem rápido, de mão em mão e o que está de fora, de costas para o grupo, grita "batata quente, quente, quente, ..., queimou!". Quem estiver com a bola quando o colega disser 'queimou', é eliminado da brincadeira. O vencedor será aquele que não for eliminado.



Por Jussara de Barros  
Graduada em Pedagogia



## GRANDES SESMEIROS E LATIFUNDIÁRIOS DA REGIÃO

### MANOEL FERNANDES DOS SANTOS (MORRO DO FERRO)

Manoel Fernandes dos Santos, nascido em 1765, era natural da aplicação de São João Batista, vila de São José, filho do português Sebastião Fernandes Gandra e Joana Antonia Pereira, proprietários da fazenda Morro do Ferro, moradores de fogo com 13 escravos no arraial de Passatempo (Rol dos Confessados – 1795). Oriundo de família remediada (nível econômico intermediário), Manoel Fernandes – nomeado no testamento paterno como Manoel Fernandes Gandra - tornar-se-ia um dos mais ricos proprietários da região no recorte 1830-1844. O inventário de seu pai consta uma fazenda típica na paragem de Morro do Ferro com produção de bovinos, suínos, ovinos, milho, 15 escravos, terras de cultura, paiol, moinho, poucas dividas – um patrimônio de quatro contos de réis, a ser dividido entre quatro herdeiros, além da meação<sup>(1)</sup>.

Manoel Fernandes casou aos 15-10-1787 na capela de São João Batista (Morro do Ferro) com Ana Joaquina do Nascimento, batizada aos 19-11-1764 na capela de Oliveira, filha de André Martins Borges (+ 1788) e Maria Josefa do Nascimento, (Livro Casamentos n. 24, fls.26 – APS, Matriz de SJDR)<sup>(2)</sup> proprietários da Fazenda “Rio do Jacaré”, distrito de São João Batista – imóvel com produção de gado vacum, suínos, oito escravos, avaliado em 2,5 contos de réis. Com o casamento, Manoel Fernandes recebeu bom dote, incluindo 2 jovens africanos e 2 crioulinhas. Faria ele grandes investimentos na compra de terras, herdando e adquirindo grande parte da fazenda de seus pais, permitindo-lhe ser possuidor de cerca de mil hectares de terras de campos e cultura, conforme consta em seu inventário postmortem (AHET II – IPHAN/SJDR Cx. 235 – 1836). No Censo de 1831, eram moradores do fogo 11, 6º quarteirão, aplicação de Passatempo, ele com 63 anos, ela com 64 e ainda 20 escravos. Casal sem geração. Manoel Fernandes fez seu testamento aos 13-11-1824, falecendo aos 18-02-1836. D<sup>a</sup> Ana Joaquina testou aos 20-04-1836, com registro (obituário) aos 02-07-1838, capela de Passatempo. (Projeto Compartilhar – Família Martins Borges / Inventário – Sebastião Fernandes Gandra – IPHAN/SJDR 586 – 1798).

“O caso de Manoel Fernandes dos Santos é um dos que melhor

ilustram o quanto o acesso a condições de produção – terra e escravos – e dos meios de beneficiamento e transporte – moinho, monjolos, fornos e tropas – foi importante na conjuntura de mercados dinamizados, inaugurada com a vinda da família Real para o Brasil. Evidentemente, devem existir outros aspectos determinantes na trajetória bem sucedida desse proprietário que nos escapam pelas poucas fontes que temos em mãos. Mas no quadro analisado e em contraste com outras propriedades cujas famílias não lograram a mesma fortuna, foi o acesso prévio a terras e escravos que permitiu o desenvolvimento da produção de mantimentos” (Carlos Oliveira Malaquias – “Remediados Senhores – Pequenos Escravagistas na Freguesia de São José do Rio das Mortes c. 1790 c.1844” Belo Horizonte, UFMG, 2014, pp. 180/181).

#### NOTAS

(1) *Sebastião Fernandes Gandra e Joana Antonia Pereira tiveram os filhos: I. Maria Jacinta c/c José Gomes Pinheiro; II. Manoel Fernandes Gandra (dos Santos) c/c Ana Joaquina do Nascimento; III. Francisco Fernandes Gandra; IV. Ana Joaquina Fernandes c/c João Francisco de Andrade.*

(2) *André Martins Borges era natural de Fonte do Bastardo, freguesia de Santa Bárbara e São Mateus da Ilha Terceira, Açores, bispado de Angra, onde nasceu aos 18-11-1717, batizado aos 30 dias do mesmo mês na matriz local pelo Pe. Francisco Coelho Machado. Era filho legítimo de Alexandre Martins Borges Melo e Maria Machado de Souto Maior. Casou em Prados aos 01-10-1753 (Livro II, p.17/v, capela de Nossa Senhora da Lapa) com D. Maria Josefa do Nascimento, n. da freguesia de Nossa Senhora da Glória da Borda do Campo, batizada aos 08-08-1736 (Livro I, batizados 1726/1741, fls. 25, capela de Nossa Senhora do Rosário e São José do Ribeirão. Alberto Dias) – Arquivos da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade/Barbacena) filha legítima de Manoel Borges Pacheco e sua 2ª mulher Catarina de São José.*

*Filhos do casal André Martins Borges/Maria Josefa do Nascimento: 1. André Martins Borges c/c Vitória Teresa de Jesus, filha de Pedro Machado Ferreira e Rosa Mariana da Borba. Dª Vitória Teresa faleceu aos 18-08-1792 2. Ana Joaquina do Nascimento c/c Alf. Manoel Fernandes dos Santos; 3. João Martins Borges com +/- 20 anos (1788) Casado com Francisca Silvéria, já falecida em 1797; 4. Manoel Martins Borges com +/- 17 anos (1788).*

• **Alexandre Martins Borges Melo**, pai de André Martins Borges, era natural da freguesia de Santo Antonio do Porto Judeu, Ilha Terceira, batizado aos 17-05-1676, filho de Inácio Martins de Melo e Isabel Vieira Borges (ambos falecidos em 1699) celebrante o Pe. Belchior Coelho, sendo padrinhos Jerônimo Borges e Maria Vieira. Casou aos 15-02-1699 em Fonte do Bastardo, freguesia de Santa Bárbara, com Maria Machado Souto Maior, n. e b. na matriz de Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira aos 19-09-1677, filha de Francisco de Melo e Ana Machado (estes casados aos 26-10-1761).

Pelo menos três dos doze filhos do casal Alexandre Martins Borges/Maria Machado Souto Maior vieram para o Brasil na

primeira metade do século XVIII, instalando-se na região da vila de São José, a saber - I - Mateus Homem Borges c/c Margarida Josefa do Nascimento aos 01-10-1753 na capela de Nossa Senhora da Lapa em Prados – casal estabeleceu-se em Bom Sucesso, proprietários da Fazenda do Brejo, onde Mateus faleceu aos 26-06-1781; D. Margarida, por sua vez, ditou seu testamento aos 18-10-1817 no arraial de Bom Sucesso, aberto aos 03-05-1823; II – Luiza Clara Borges casou aos 23-08-1747 na matriz de Nossa Senhora da Conceição (Prados) com Policarpo da Silva Brum – domiciliados em Prados; III – André Martins Borges (abordagem / Notas 2 e a seguir infra).

**André Martins Borges** faleceu aos 19-05-1788 em sua fazenda do Rio do Jacaré, aplicação de São João Batista (Morro do Ferro), vila de São José, comarca do Rio das Mortes. Escreveu seu testamento aos 07-06-1787 no “Sítio do Jacaré”, deixando como testamenteiros em 1º lugar a mulher D. Maria Josefa do Nascimento; em 2º lugar o filho André Martins Borges “o moço” e em 3º lugar o filho João Martins Borges. Inventariado pela viúva, tendo legado doações a familiares na Ilha Terceira.

Bens: Objetos de estanho, cobre, animais (vacas, bois, cavalos, porcos, ovelhas) ferramentas; 8 escravos; Fazenda denominada “Rio do Jacaré” com casas de vivenda cobertas de telhas, moinho, senzala, paiol, capoeiras, matos virgens, logradouros em divisas com o Alf. Matias Francisco de Vargas, Pedro Machado

Ferreira e João Gonçalves – 750\$000 / Monte-mór 2:069\$162.

D. Maria Josefa do Nascimento, falecida em 1816, testou em data de 27-06-1812 na fazenda “Córrego da Mandassaia”, em Oliveira, com testamento firmado ante o tabelião João Pereira Sampaio, sendo testemunha Antonio Machado Santana. Deixou como testamenteiros em 1º lugar o filho Manoel Martins do Espírito Santo, em 2º lugar o Alf. Manoel Fernandes dos Santos (genro) e em 3º lugar o filho Cap. João Martins Borges Distribuiu seus bens, em especial vários escravos, entre os herdeiros. Determinou que após a distribuição/partilha, “tudo o que sobejar de minha terça se mandarão dizer em missas, de esmola de pataca, pela alma de meu marido André Martins Borges e de meu irmão José Borges Pacheco”.

Casamentos de filhos de André Martins Borges e Maria Josefa do Nascimento:

• Manoel Martins Borges do Espírito Santo casou aos 05-05-1792 na capela de São Tiago com Maria Magdalena de Santana, filha de João Pereira Sampaio e Ana Quitéria de São Joaquim, sendo testemunhas o Revmº Pe. José Manoel da Rosa e Francisco Gonçalves de Barros – Celebrante o capelão Pe. Francisco Rodrigues Pacheco. O Cap. Manoel Martins Borges e Maria Magdalena de Santana eram proprietários da Fazenda “Córrego” ou “Ribeirão da Mandassaia” em Oliveira.

• Cap. João Martins Borges casou aos 04-05-1791 na capela de Nossa Senhora de Oliveira com Francisca Silvéria da Silva, filha de Manoel Afonso de Almeida e Francisca Clara da Silva, sendo testemunhas José Machado de Oliveira e o Cap. Manoel José da Rocha, na presença do Revrº Pe. Bonifácio da Silva Toledo. Dª Francisca Silvéria era já falecida em 1797 (inventário de sua mãe Francisca Clara da Silva falecida aos 20-07-1797).

• André Martins Borges, o moço, casado (1778) com Vitória

Teresa de Jesus, filha de Pedro Machado Ferreira e Rosa Mariana da Borba. Proprietários da fazenda “Ribeirão da Mandassaia” em Oliveira. Dª Vitória Teresa faleceu aos 18-08-1792 com 6 filhos constantes no inventário. Curiosidades: Falecida provavelmente por complicações de parto, pois o recém nascido Elias foi batizado aos 27-08-1792: Uma das filhas, Teodora, com 3 anos em 1792, foi batizada na capela de São Tiago aos 17-08-1788, sendo padrinhos Tomé Borges Pacheco e s/m Bárbara Maria de Jesus Os demais filhos batizados em capelas de Morro do Ferro, Oliveira e Passatempo.



D. Emília e Sr. Geraldo Martins

(Inventário André Martins Borges – IPHAN/SJDR Cx. 569 – 1788 / Testamento Maria Josefa do Nascimento – IPHAN/SJDR Livro n. 25 – 1816/1817 / Projeto Compartilhar – “Martins Borges”).

10-03-1766 – Requerimento de Manoel Fernandes dos Santos, morador na freguesia de São João, termo da vila de São José, pedindo carta de confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem chamada Santo Antonio do Rio do Peixe, termo da dita vila, comarca do Rio das Mortes. Anexos: bilhete, carta de sesmaria, certidão (PT/AHU/MG 011/0087/07068 – Requerimento nº 6903 – Cx. 87, doc.17). Sobre a família “Martins Teixeira” ver matéria em nosso boletim nº CLXXI – dez/2021.



## A lua vermelha

*Francisco Bastos*

Ontem, ao entardecer, devia ser umas oito horas da noite, fui premiado pelos deuses.

Chegando perto da fazenda Camonbá, na estrada que tomo, da direção de São Tiago, ao sair da rodovia Fernão Dias, deparei-me como um fato incrível:

- A lua vermelha!

É verdade que a estrada ajudou.

Esse trecho, caminha sobre uma serra de divisão de vertentes que dá um ponto de vista elevado e privilegiado.

Ele toma a direção oeste-leste e assim ajuda a visualização da lua nascente, lá no Leste.

E ela surgiu ali, por cima da linha do horizonte, por cima da serra do Zé Maria, por cima da Capelinha e da serra dos alemães, do Morro do Ferro.

- Que maravilha!

Ainda não se manifestou em sua mais completa tradução de lua cheia, mas já esnobou encanto e beleza.

- E a cor vermelha?

Cá nesses Campos-cerrados, como diria o Jairo Vianna, meu amigo, acredita se que o vermelho seja prenúncio de frio.

Sinal de frente fria. Haveria alguma alteração da atmosfera terrestre a filtrar prismas camadas geradoras de vermelho?

Vai saber.

A primeira visão do rubro satélite é assustadora, depois encantadora. Um susto e um suspiro.

Surpresa e beleza.

- Ah, que essa vida é bonita!

- Ah, que agradável visão inusitada. Uma espécie de prêmio ao fim da jornada de atividades laborais.

Uma consagração ao final do dia de realização e sucesso.

... e a lua ainda não se manifestou total inteirinha.

Ainda não é o plenilúnio, na sua mais completa tradução.

Hoje, eu bem sei, será ainda mais bela.

Hoje, eu serei, o encantado poeta dela!

*Prof Dr Francisco Reis Bastos  
Angiologia - rua Otoni, 909/4andar  
Tel: 5531-999820939  
Belo Horizonte. - BRASIL*